



DESMANCHANDO A ÁFRICA EM MIM – A COLAGEM COMO POSSIBILIDADE DE CRIAÇÃO NA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

Raphaela Desiderio

raphaela.desiderio@unifesspa.edu.br¹

Resumo

Trata-se de um fragmento de uma pesquisa-experimentação. Experimentação como pensamento, como criação, como potência de subjetivação, e não como vontade de verdade. Um exercício de pensamento com e pelas imagens na educação geográfica. Uma escrita que é resultado de uma pesquisa que intencionou problematizar a África presente nas imagens didáticas a partir do estereótipo e da alteridade, principais estratégias do discurso colonial, e que operam pela dimensão racial. Entre os exercícios realizados está a colagem. A partir da técnica de colagem como possibilidade de tratar a imagem como um espaço de experiência, penso a educação pelas imagens num diálogo entre a geografia, a filosofia e a educação a partir da dimensão das subjetividades, do espaço como trajetórias e histórias, e não apenas como superfície, como localização geográfica. Mobilizo o pensamento a encontrar outras paragens e passagens para ver Áfricas que escapem desse desejo de ilustrar, representar, didatizar, e fixar os espaços em imagens que paralisam o pensamento. Para isso foi preciso desarranjar, deslocar imagens, suprimir legendas, mover o continente que está fixo nas páginas dos livros didáticos, e levar essas imagens para brincar, ou seja, deslocá-las do lugar de ilustração e experimentar com e a partir delas outros encontros, outras imagens. Esse exercício também oportunizou um pensamento que toma a espacialidade da questão racial como dimensão fundamental para os debates e práticas educativas na educação geográfica.

Palavras-chave: Fotografia, Experimentação, África.

Introdução

O artigo trata de apresentar fragmentos de pesquisa de doutorado intitulada “Composições e afetos com fotoáfricas – exercícios de pensamento na educação geográfica”. O referido trabalho é composto de exercícios de pensamento com e pelas imagens didáticas do

¹ Professora do curso de Licenciatura em Geografia do Instituto de Estudos do Trópico Úmido da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Pesquisadora da Rede Internacional de Pesquisa “Imagens, Geografias e Educação”, e líder do GEPEG – Grupo de Extensão e Pesquisa em Educação Geográfica. O presente trabalho é parte da pesquisa de doutorado realizada na Universidade Federal do Rio Grande no Sul, na linha de pesquisa ensino de Geografia, e foi financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal – CAPES.

continente africano presentes em livros didáticos de Geografia, e tratou de problematizar essas imagens e suas implicações para a construção de saberes sobre o continente africano e as dimensões da questão racial na geografia escolar. Neste fragmento apresento uma possibilidade de pensar as fotografias didáticas da África para além dos clichês e estereótipos, transformando as imagens em espaços de experiência. A partir do processo de pesquisa e do que se passa com o pesquisador, apresento aqui o que chamo de encontros. Encontros através dos quais é possível desestabilizar o lugar que as imagens ocupam nos livros didáticos: o de representação, evidência, ilustração, documento, para através de exercícios de pensamento procurar desestabilizar, desarranjar, desorganizar, escapar da África que nos fazem ver as essas imagens, ou seja, deslocar o já dado do continente a fim de mostrar possibilidades de criação, de invenção de outros modos de abordagem do estudo do continente. A técnica de colagem foi utilizada para criar composições de fotoáfricas capazes de desmanchar uma África que escape do lugar que ocupa nas páginas dos livros didáticos, e arrastá-las a outros processos de pensamento do que pode ser o continente quando o olhamos utilizando diferentes linguagens. A pesquisa tomou como referência o diálogo entre a educação geográfica, a filosofia e os campos dos estudos pós-coloniais e africanos explorando os elementos que constituem o discurso colonial. Considerou a colonialidade do poder, a diferença colonial, o inconsciente colonial-capitalístico (ROLNIK, 2016) e a invenção da raça (MBEMBE, 2014) como noções centrais de pensamento sobre uma África que é achatada por uma série de clichês e estereótipos.

A África extrapola o contorno de um continente, extrapola os limites estabelecidos do que é para ser África, e espalha-se pelo mundo. Espalha-se ora como cultura subalterna, ora como espaço de diversidade, ora através dos corpos dos africanos que se movem, e experimentam mundos fora do lugar que lhes foi estabelecido. A África é beleza, é urbana, é pobreza, é delicadeza, é vida e morte, é branca, é negra, mas também é africana, asiática, europeia e americana. Mais do que outros continentes, a África esbarra numa avalanche de invenções e estereotípias inerentes ao discurso colonial. Aos africanos cabe uma localização geográfica e uma cor de pele, são negros, e habitam o território africano.

As fotografias da África nos livros didáticos são da ordem de paralisar o nosso pensamento para uma única possibilidade de imaginar esse espaço, imaginá-lo apenas como superfície, e não como uma coleção de trajetórias (MASSEY, 2008). Essas imagens, que nos



subjetivam, desejam que olhemos para o continente como um espaço homogêneo, um espaço onde sempre é dia, um espaço não animado por pessoas, mas por grandes mamíferos habitando parques ou reservas; um espaço partido pela cor da pele, um espaço onde se há Geografia e História com a chegada dos europeus, e com a sua “saída” torna-se incapaz de participar da dinâmica do mundo globalizado, já que a “descolonização” dos países foi e é um fracasso para o continente, que desde então é palco de guerras civis intermináveis; espaço que não é urbano (com exceção do Egito e da África do Sul); um espaço que não é industrializado, somente produtor e exportador de matérias-primas; o espaço das grandes reservas minerais, o espaço quintal de produção, o espaço-imagem, o espaço cartesiano de algumas coordenadas geográficas, isto é, daquelas que precisam ser vistas e consumidas como imagens. Não é a África como acontecimento, como vida.

Diante do exposto, a seguir o/a leitor/a encontrará um fragmento de pesquisa que intencionou desmanchar essa África para criar outras possibilidades de experimentá-la.

Desmanchando a África em mim: o encontro com outras Áfricas e a imagem como espaço de experiência

O quarto caderno de Kindzu é um relato sobre Farida, uma mulher órfã. Veio ao mundo como filha-gêmea, mas sua irmã morreu dias depois do nascimento e ela sofreu as desgraças que contavam a tradição quando do nascimento de gêmeos. Somente fora lembrada quando precisavam de uma gêmea para os rituais de chuva.

Após o ritual, decidiu lançar-se na estrada, dizia que “[...] aquele lugar já estava cansado dela” (COUTO, 2007, p. 73). De tanto andar, desmaiou e quando despertou estava na casa de um casal de portugueses, Romão Pinto e Dona Virgínia, onde ficou por anos. Dona Virgínia, em seu sonhar, desejava regressar a Portugal. A sonhar ficava na janela olhando o país que inexistia, desenhando em “geografia da saudade”. “[...] tanto esmolou a Deus um outro lugar que ela foi se fazendo remota, e aos poucos Farida receou que sua mãe nunca mais se acertasse” (COUTO, 2007, p. 75). Movida por afetos que a atravessavam diante da distância de sua terra natal, Dona Virgínia inventou um modo de lidar com uma “geografia da saudade”, a partir de velhas fotografias e,

[...] com um lápis, a velha portuguesa desenhava outras imagens. Às vezes, recortava-as com uma tesourinha e colava as figuras de umas fotos nas outras. Era como se movesse o passado dentro do presente. – *Olha, vês? Este é o meu tio. Foi quando ele veio cá visitar-nos.* Um tal parente jamais estivera em África. Mas Farida nem ousava desmentir. As fotos recompostas traziam novas verdades a uma ideia feita de mentiras (COUTO, 2007, p. 75).

Os trechos da estória de Farida, personagem do livro *Terra Sonâmbula* (2007) do escritor moçambicano Mia Couto, mobilizou meu pensamento com as fotografias, numa tentativa de desmanchar/desfazer o já dado através de um bloco de sensações. Há uma força que transborda da velha portuguesa, algo que a perturba, um sonho, o desejo de regresso. Há também uma escrita poética que nos coloca diante daquele pedaço do Moçambique, país de colonização portuguesa; há “uma simultaneidade de estórias” que me deslocam do espaço como superfície para um espaço afetivo. A potência presente na escrita de Mia Couto, e, de modo geral, presente na literatura africana contemporânea, foi capaz de produzir em mim uma série de experiências com a África. Essas experiências múltiplas e simultâneas que fazemos com o mundo, e as distintas capacidades que a subjetividade tem de apreender essas experiências tiraram-me do eixo, contaminaram-me, deslocaram algo em mim. Algo me tocou, assim como tocou Dona Virgínia, e numa experiência quase inconsciente, no sentido de ter sido despreziosa e atravessada por afetos, inventei uma forma de desmanchar a África em mim.

Com as “velhas fotografias”, a dos livros didáticos, as fotografias clichês do continente, tal como a velha portuguesa, desenhei, recortei, coleí, rasurei essas imagens na tentativa de fazer aparecer algo do não dito ou, como disse Farida, “[...] novas verdades a uma ideia feita de mentiras” (COUTO, 2007, p. 75). Recortar e colar fotografias umas nas outras para fazer aparecer Áfricas aprisionadas em meio às “velhas fotografias”, explorá-las como raramente o são, como possibilidade de “[...] criação artística e invenção de mundos” (WUNDER, 2009, p. 68).

A possibilidade de riscar, recortar, suprimir legendas, inventar mundos e mobilizar o já dito, brincando com o “[...] o jogo entre visível, real, imaginário e ficcional suscitado pelas imagens” (WUNDER, 2009, p. 68), surgiu de encontros. Encontros com a África dos africanos, com as suas perspectivas sobre o continente, sobre o que têm a dizer sobre suas estórias e



geografias pessoais. A literatura, assim como trechos de obras de escritores africanos, ou quem-dizem-da-África colocou-me diante de Áfricas mais sensíveis, violentas e tristes também, mas Áfricas habitadas por “gente de verdade”, de histórias incríveis que misturam as histórias e geografias do continente às ficções e imaginações. “[...] não há imagem sem imaginação” (DIDI-HUBERMAN, 2012, p.208).

Apesar de parecer óbvio, percebi no processo de pesquisa mais acurado, o quanto a África do livro didático de Geografia no Brasil era eurocentrada, colonial, e desconectada da força de vida que pulsa no continente. O quanto o estereótipo e a alteridade recobrem as imagens, nos fazendo ver apenas uma África branca e outra negra, e não todas as cores que vibram quando percebemos as vidas que habitam um território.

Em *Sonhos em tempo de guerra: memórias de infância* (2013), o queniano Ngugi Wa Thiong’o trata, em sua escrita, de nos colocar em contato com paisagens que vão se modificando pela presença dos britânicos em seu cotidiano.

Aprendi que logo abaixo, além da floresta, estava o distrito de Limuru e, do outro lado da linha ferroviária, plantações de propriedade de homens brancos, onde meus irmãos mais velhos apanhavam folhas de chá em troca de remuneração. Então as coisas mudaram, não sei se gradual ou repentinamente, mas mudaram. As vacas e as cabras foram as primeiras a partir, deixando para trás galpões vazios. O aterro não era mais o depósito e esterco de vaca e excremento de cabras, mas puramente lixo (THIONG’O, 2015, p. 16).

O menino observava as mudanças na paisagem, mudanças físicas e sociais. Percebe que as mães deixam de cultivar em seus próprios pátios para trabalhar em campos distantes, que as árvores vinham sendo derrubadas para dar espaço às plantações, e que seus irmãos não mais trabalhavam apenas nas plantações de chá dos europeus do outro lado da linha ferroviária, mas que alternavam com os novos campos de pítetro. Através de suas memórias, o menino vivenciou a questão da terra, da terra que passa ser propriedade de latifundiários africanos ou europeus, e também do crescimento das cidades, como Nairóbi

[...] inicialmente um centro dos desmesurados materiais para a construção ferroviária cresce rapidamente [...] como os cogumelos, numa cidade de milhares de africanos, milhares de asiáticos e um punhado de europeus rabugentos, que a dominavam” (THIONG’O, 2015, p. 20).

Em uma obra de memórias autobiográficas, o escritor francês Le Clézio narra uma série de histórias de um período em que viveu na Nigéria. Com o fim da II Guerra Mundial, Le Clézio, que vivia em Nice, no sul da França, embarcou para Nigéria para conhecer seu pai. Seu pai era médico de campanha e a guerra o havia impedido de retornar à França. “Aos oito anos de idade, mais ou menos, vivi na África ocidental, na Nigéria, numa região isolada onde não havia europeus, à exceção de meu pai e minha mãe, e onde a humanidade, para a criança que eu era, se constituía unicamente de iorubas e ibos” (LE CLÉZIO, 2012, p.7).

Ao partir para África, Le Clézio muda de mundo. Das suas memórias de infância, surge uma África cheia de afetos, uma África em que há garotos brincando na savana, uns mais novos e sem roupa, outros vestidos, que lhes ensinaram (a ele e ao irmão) a correr descalços pelo capim. Conta de suas lembranças do dia em que ele e o irmão se aventuraram pela primeira vez pela savana.

Foi então que um dia, sozinhos, saímos pela baixada amarelada, correndo em direção ao rio. Naquele ponto o Aiya não era muito largo, embora fosse agitado por uma correnteza violenta que arrancava as margens dos torrões de barro vermelho. A planície, de ambos os lados do rio, no meio da savana, erguiam-se grandes árvores de tronco muito reto, as quais serviam, como vim, a saber, mais tarde, para fornecer os assoalhos de mogno dos países industrializados (LE CLÉZIO, 2012, p. 24).

Ao ler esse trecho, visualizava em minha mente, as velhas fotografias, aquelas das savanas, tão recorrentes nos livros didáticos. As desenhava, recortava e colava, arranhando a verdade das imagens (ou a imagem da verdade) que o livro didático sustenta. A mesma savana, nesse trecho, é então preenchida por vida, por uma composição de afetos, por pés descalços, pela corrida dos meninos em direção a um rio, não muito largo, mas agitado.

Quase posso sentir a força d’água erodindo as margens coloridas. Árvores de troncos muito retos nas savanas? Todas as fotografias que havia visto eram de árvores com galhos retorcidos. Talvez não existam mesmo aos olhos dos fotógrafos, pois viraram assoalhos dos países industrializados. Essas passagens, são exemplos, são escritas que “[...] afirmam a



potência ambígua da imagem: criar a ficção no interior da insistente retenção do real/visto”
desequilibrando nossas relações com o mundo fotográfico (WUNDER, 2009, s/p).

Compreendendo as fotografias e as palavras como uma constante ficção, imersas no desejo de fixação do real, apostamos em criações imagéticas que se façam não somente como desejo de marcar os sentidos do vivido, mas também pelos espaços vazios que se produzem nos encontros com seres/coisas/imagens. A imagem não somente como expressão visual das experiências, mas ela própria como um espaço de experiência (WUNDER, 2009, p. 76).

Ao pensar em forças para desequilibrar minhas relações com o mundo fotográfico, deixei que a literatura me arrastasse para Áfricas outras, sentei-me ao lado da velha portuguesa e percorri as imagens-fotografia como o próprio espaço da experiência. Mas também me sentei ao lado da velha portuguesa quando brinquei com as imagens experimentando uma força intensa, algo que vem de fora, e é capaz de atuar na sensibilidade, na subjetividade, já que os afetos não têm localização geográfica, e nem pode ser classificados, adjetivados, didatizados.

Apesar de estar em Moçambique, Dona Virgínia desenhava na/com as fotografias uma “geografia da saudade” de Portugal, de um lugar e de pessoas que já não existiam mais da forma como ela as havia conhecido, mas as fotografias eram capazes de atuar em sua sensibilidade, elas atravessavam qualquer ideia de verdade sobre essas coisas e pessoas que desenhava, recortava ou colava. Não se tratava apenas de um exercício de desenhar ou colar, mas de experimentar afetos que a contagiavam, a contaminavam, que a levavam para outras dimensões da subjetividade. Mais do que o encontro com a literatura, foi no encontro com a morte que algo da inventividade operou em minha sensibilidade, e permitiu-me criar, experimentar a partir da força do acontecimento. Enquanto eu desenhava, recortava, colava, um arranjo de coisas se desorganizava, e com ele se desmanchava a África em mim. Albertina Fernandez Desiderio faleceu. Albertina era minha avó paterna, daquelas avós que são mães, que são parte do que você se torna como pessoa quando “cresce” e precisa lidar com a vida.

A morte, a angústia, a tristeza de estar distante, a certeza de que não mais nos veríamos, a impossibilidade de chegar a tempo de dar um abraço bem apertado em seu corpo forte, já cansado pelos mais de noventa anos de vida. Silenciei, triste, transtornada por um bocado de memórias de infância, de adolescência, por um tanto de vida que pulsava ali no encontro com

a morte. Peguei o silêncio e o levei para passear com as fotografias da África e, como Dona Virgínia, brinquei despretensiosamente com as imagens.

Uma situação não prevista, não calculada, não planejada, uma situação da ordem da vida foi capaz de arrastar-me para outra África, uma África como colagem, resultado de uma composição sensível, de uma composição movida pela perda de alguém importante. O que quero dizer com isso é que menos do que o encontro com a literatura, e todo um conjunto de afetos que se pode experimentar com e a partir dos personagens, das paisagens, das memórias, das estórias ou das histórias e geografias, o encontro com a morte também me afetou. O silêncio de alguém que de repente sente a necessidade de experimentar a morte dessa maneira, reunindo as fotografias que já havia recortado, cola, tesoura e jornais das semanas anteriores.

Enquanto brincava com as fotografias, lembrava-me dela, do lugar lindo que vivi ao seu lado quando criança, de suas estórias, das deliciosas comidas que fazia, do seu jeito frio e sério de lidar com a vida, dos provérbios que recitava, e do generoso par com o qual compartilhou toda sua vida. Observava algumas imagens e percebia o quanto a morte também estava sempre a rodear as fotografias, e as estórias da África. A perda, a ausência, a necessidade de deixar algo, um alguém, para buscar algo, talvez a morte.

A morte, assim como nas fotografias, era muito presente também nas estórias. Lembrei-me da personagem Ludovica do romance *Teoria Geral do Esquecimento* (2012), do angolano José Eduardo Agualusa. Ludovica escrevia para não morrer. A portuguesa faleceu em Luanda, em 2010, com 85 anos. José Eduardo Agualusa escreve seu romance de posse de cópias de dez cadernos-diário que “Ludo” foi escrevendo nos 28 anos em que se manteve enclausurada em um apartamento. Quando já não havia mais papel, a portuguesa passou a escrever e a desenhar com carvão nas paredes do apartamento.

Os cadernos de Kindzu que acompanharam a caminhada dos personagens Tuahir e Muidinga em *Terra Sonâmbula* (2007), cadernos onde encontro a história de Farida e Dona Virgínia, são cadernos encontrados em meio a uma paisagem e a vidas destroçadas pela guerra em Moçambique. O encontro com a morte de minha avó, e com essas possibilidades de acessar Áfricas de afeto na literatura arrastaram-me.



As imagens dos livros didáticos não podem e não querem promover esses encontros, já que atuam pelo clichê. E o clichê age justamente na percepção, serve para classificar e adjetivar pessoas e lugares, reproduzir discursos dominantes, age como uma barreira de contenção para a sensibilidade, acalma essa força, esse afeto com/pelas Áfricas. A África do livro didático é uma África da contenção, da reserva não só de grandes mamíferos em parques espalhados pelos diversos países, mas é uma reserva de clichês.

A morte e a literatura não distinguem a África, mas distinguem experiências com Áfricas, já que operam tanto na subjetividade do indivíduo quanto na “extra-pessoal” (ROLNIK, 2016), por isso é importante dizer que é preciso operar na dimensão da sensibilidade, já que os afetos são (i)localizáveis geograficamente, é vida que pulsa. Encontrar maneiras de desmanchar África em nós não tem nada a ver com outra coisa, senão com a vida.

Se quisermos mobilizar algo em nós, precisamos experimentar as forças da vida. Se quisermos, na educação geográfica, “sair do Ocidente”, sair dessa África homogênea, fixa, pobre, doente, fragilizada, lugar dos negros do mundo, precisamos atuar menos na dimensão do clichê e mais na dimensão sensível da vida.



Figura 1 – Composição de fotoáfricas.
 Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Um continente à procura de sua própria imagem?



*Um continente à procura da sua própria imagem*² – ao ler este ensaio, fui provocada a pensar sobre as imagens da África que experimentei em minha pesquisa – “[...] a mancha gráfica sujeito ao verbo”, “[...] a foto enquanto um modo de escrita [...], mas tão mais bela [...] quando ela for auditiva, evocando sonoridades do momento” (COUTO, 2005, p. 75).

Ao afirmar que o colonialismo não deixou de existir com as independências, mas mudou de turno e executores, Mia Couto diz que a memória do passado que os africanos têm de seus países e do continente é a da história colonizada, por isso afirma que foi “[...] um retrato feito por empréstimo [...]” (COUTO, 2005, p. 11). Não deixa de considerar, em sua escrita, o papel dos africanos nesse processo, já que não foram os europeus os primeiros a inventar o comércio de seres humanos.

Percebi que as fotografias da África nos livros didáticos são da mesma ordem das que o autor cita como fotografias de referência para que os africanos sejam facilmente reconhecidos e classificados: cores quentes e tropicais, corpos expostos e adornados, a fauna selvagem. Nesse sentido, diz que infelizmente “[...] a imagem de África já está construída e sedimentada por muito preconceito e ignorância” (COUTO, 2005, p. 78) nos retratos do continente que se avolumam entre o pessimismo absoluto e um certo otimismo cauteloso.

O modelo da cultura vigente, massificada, apresenta certa obsessão pela imagem capaz de tornar-se a própria coisa que se quer mostrar, vender. Nessa dinâmica, somos quase asfixiados por um certo modo de ver. Aprendemos a ver a África tal como ela é mostrada pelas fotografias didáticas, uma África aprisionada pelos clichês da moldura cultural vigente, uma moldura antiga que perdura desde a formação do mundo moderno/colonial.

Mia Couto afirma que na tentativa de responder a pergunta “O que é África?”, percebe-se que não há uma resposta, já que “[...] a realidade africana está viajando por múltiplas transições, ocultando-se em sucessivas máscaras” (COUTO, 2005, p. 79). Não há possibilidade de que a África seja reduzida a uma dúzia de fotografias que desejam aprisionar o continente, que desejam mostrar as mesmas fotografias de um espaço de múltiplas trajetórias e estórias.

² Escolhi “finalizar” minha tese a partir dessa frase de Mia Couto. Quando a li, logo pensei que com ela poderia compor um exercício que não acabava naquele momento, mas que continuaria reverberando em meu pensamento. Ela faz parte de um dos textos de opinião que compõem um livro do autor intitulado: *Pensatempos*.

As imagens-texto, as imagens-fotografia e as imagens-mapa da África no livro didático servem a posicionar um espaço-superfície que não é mais “colonizado”, mas é subdesenvolvido, pobre, atrasado, marginalizado. As imagens operam incessantemente na reprodução da lógica binária, reforçando a invenção da alteridade, e agindo de modo a paralisar o pensamento. Mas a imagem do continente escapa em mil fragmentos quando as acionamos fora desse regime didático. Escapa quando as deslocamos desse lugar que ocupa, e com elas experimentamos, quando as mobilizamos para encontrar outras passagens e paragens que não a do desejo de didatizar os espaços em imagens e de pedagogizar modos de ver.

A técnica de colagem e o encontro com a literatura tornaram-se nessa pesquisa exercícios capazes de deslocar a África desse regime visual. É preciso atuar na subjetividade, na sensibilidade que se dá pelo encontro com as histórias e as trajetórias espaciais do continente africano, um continente em movimento. Trata-se de atuar na dimensão da vida que se dá pela experiência, pela experiência como pensamento, não como desejo de nos fazer ver uma África, mas permitir-se afetar, contagiar por outros modos de ver Áfricas, inventar um modo de criar outros arranjos para o pensamento com e pelas imagens na educação geográfica e na vida.

Referências bibliográficas

- AGUALUSA, José. Eduardo. **Teoria Geral do Esquecimento**. Rio de Janeiro: Foz, 2012.
- COUTO, Mia. **Pensatempos**. Textos de Opinião. 3.ed. Portugal: Editorial Caminho, 2005.
- COUTO, Mia. **Terra Sonâmbula**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. In. **Pós**. Belo Horizonte, v.2, n.4, p. 204 – 219, nov. 2012.
- LE CLÉZIO, Jean-Marie Gustave. **O Africano**. Trad. de Leonardo Fróes. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- MASSEY, Dooren. **Pelo Espaço**: uma nova política da espacialidade. Trad. de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Trad. de Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014.
- ROLNIK, Suely. **A Hora da Micropolítica**. São Paulo: n-1 Edições, 2016. (Caixa Pandemia – Série de Cordéis).



THIONG'O, Ngugi Wa. **Sonhos em Tempo de Guerra**: memórias de infância. Trad. de Fábio Bonillo e Elton Mesquita. São Paulo: Biblioteca Azul, 2015.

WUNDER, Alik. Uma educação visual por entre literatura, fotografia e filosofia. In: **Políticas Educativas**, v.3, n.1, p. 65-78, 2009.